

## Rosa

A tempestade na rua ainda estava a cair,  
Uma explosão letífica vinha do Oeste.  
O som dos tiros zunia no ar como a peste,  
Eu me erguia do chão, dali tinha que sair!

No meu corpo, a farda camuflada pesava,  
Na minha orelha então sussurrava o diabo,  
Dizia que dos outros devia dar cabo.  
À frente, na boca a morte então me beijava.

Os Generais nas suas salas luxuosas,  
Eram condecorados pelo genocídio.  
Famílias despedaçadas pelo homicídio  
Rendiam a eles honrarias viciosas!

Eu não, eu nunca quis estar a lutar aqui!  
Queria estar aí contigo, entre teus braços.  
Poder sentir de novo o clamor dos teus abraços.  
E novamente vi mais um soldado cair.

Meu projeto de batalhão seguia em frente,  
Como uma alcateia adentrando o pantanal.  
Corações pesados de coragem mortal,  
O que fazia eles serem pior que a gente?

Devoramos uns aos outros pelo que?

Corro e corro e ainda estou aqui no mesmo lugar,  
Quanto mais avanço menos quero lutar.  
Não, eu nunca quis lutar. Nunca tive por que.

A minha respiração sufocava-me,  
Quando vi alguém na janela do quarto andar.  
Levantei o cano d'arma e me pus a mirar.  
Meu coração palpitava, não mais incólume.

Comprimida, como se usando um espartilho,  
Estava minha alma em constante flagelar.  
Minha pulsação, um débil tiquetaquear.  
Sem aviso, o demônio foi e puxou o gatilho!

Lágrimas salgadas meu rosto corriam,  
Um zumbido amargo os meus ouvidos partia,  
A cruz doce em meu peito com fulgor ardia.  
Foices gélidas, pútridas me abatiam...

Sangue esvaia sob meu corpo com uma flor.  
A flor da guerra que ali ainda desabrochava,  
Seus espinhos tóxicos a todos cortava.  
Fechei os olhos, e voltei para seu calor.